

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 54

Data: 07/06/78 Pg.: _____

Indigenista denuncia ato da Funai

BRASILIA (Sucursal) — Meios indigenistas manifestaram ontem sua preocupação ante a portaria 497 n.º 78 da Funai que desativa o Parque Indígena do Araguaia, cuja administração estava fixada no posto indígena de Santa Izabel do Morro, na Ilha do Bananal, considerando "Um retrocesso na política indigenista", segundo o diretor do Xingu, o antropólogo Olímpio Serra.

Na opinião de diversos técnicos indigenistas e sertanistas, a desativação do Parque do Araguaia pode ser o primeiro passo para a sua extinção, além de propiciar mais facilidades para os invasores que já somam cerca de 200 mil pessoas, segundo informou o presidente do órgão, general Ismarth de Oliveir.

Segundo a justificativa do presidente da Funai, a portaria que desativa ao Parque do Araguaia se tornou necessária para que o órgão pudesse poupar a verba destinada ao pagamento de um administrador que está sendo revertida para outras áreas, "já que a administração da ilha estava fixada no posto indígena de Santa Izabel provocando problemas de duplo comando entre o administrador e o chefe do posto.

Ismarth negou, ainda, que a medida poderia ser um primeiro passo para a extinção do parque ponderando que enquanto estivesse desativado "posso pensar melhor onde centralizar a administração do parque, se em Goiânia, ou outro lugar qualquer". Mais do que um diretor de parque, disse o general que a Funai precisa de professoras, enfermeiros, médicos e pessoal administrativo.

Para os serzanistas, porém, a medida é grave. Na opinião de Olímpio Serra a figura do parque impõe respeito aos invasores, que desde a criação do Araguaia passaram a respeitar mais os limites das terras indígenas, "e a desativação, na minha opinião, é um retrocesso".

Para o ex-diretor do Parque do Araguaia, sertanistas Sidney Possuelo, "qualquer diminuição ou extinção de área indígena é negativa". Quanto à questão do Araguaia, em si, disse o sertanista que pode haver uma consequência negativa para a manutenção da área. "Antes, como parque, já era difícil mantê-lo intacto dos invasores, agora fica mais difícil".

Segundo o general Ismarth, faltam 53 técnicos indigenistas para suprir as necessidades da Funai: "Espero que nosso pedido junto ao Ministério do Interior seja atendido e que se libere recursos para a realização de um curso de técnicos indigenistas que já se torna urgente". Nesse curso pretende-se formar, pelo menos, 30 técnicos "que não são suficientes, mas já diminuí as necessidades", afirmou Ismarth.